

# Desafios e aprendizagens no ensino de História em tempos de pandemia: uma experiência de interdisciplinaridade com a Pré-ONHB

*Challenges and Learning in History Teaching in Pandemic Times: An Interdisciplinary Experience with Pre-ONHB*

Luana Carla Martins Campos Akinruli\*  
Martha Rebelatto\*\*

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de refletir por meio de dados quantitativos e qualitativos as ações didáticas implementadas no ambiente de ensino à distância durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), de forma a discutir os desafios, limites e potencialidades dessa situação para o ensino de História em tempos da Covid-19 que, notoriamente, mobilizaram o uso de tecnologias diversas e reformulações didáticas. Isso se dará a partir da experiência da participação dos alunos do ensino médio técnico-integrado do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim (IFMG) na Pré-Olimpíada Nacional em História do Brasil (Pré-ONHB) ocorrida no primeiro semestre de 2020. Foram postos em relevo as ações didáticas implementadas de maneira interdisciplinar, que revelaram a relevância não somente do trabalho coletivo como

## ABSTRACT

This paper aims to instigate reflection on the didactic actions implemented in the distance learning environment during the Emergency Remote Teaching (ERT) through quantitative and qualitative data thereof, in order to discuss the challenges, limits and potentialities of this situation for history teaching in the Covid-19 time that has, notoriously, mobilized the use of various technologies. This will be based on the participation experience of students from technical-integrated high school at the Federal Institute of Minas Gerais – Betim Campus (IFMG) in the Pre-National Olympics in Brazilian History (Pre-ONHB) held in the first half of 2020. The didactic actions implemented in an interdisciplinary approach have revealed the relevance not only of collective work, but also of the very

\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural (INSOD), Belo Horizonte, MG, Brasil. [luanacampos@insod.org](mailto:luanacampos@insod.org) <<https://orcid.org/0000-0002-1203-9207>>

\*\* Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – Campus Betim, Betim, MG, Brasil. [martha.rebelatto@gmail.com](mailto:martha.rebelatto@gmail.com) <<https://orcid.org/0000-0001-7575-1480>>

da própria experiência das reflexões em torno da prática de ensino.

Palavras-chave: Olimpíada de História; Ensino Remoto Emergencial; Covid-19.

teaching and reflection experience as highlighted thereof.

Keywords: History Olympiad; Emergency Remote Teaching; Covid-19.

## SABEMOS QUANDO COMEÇOU, MAS DESCONHECEMOS O SEU FIM: ENSINO DE HISTÓRIA E SEUS DESAFIOS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Em meados de março de 2020, diante das inúmeras incertezas em relação tanto às formas e ao potencial de contaminação do coronavírus que começava a se espalhar pelo Brasil, quanto às medidas eficientes de controle e às consequências da pandemia de Covid-19, as instituições de ensino do país suspenderam as suas atividades presenciais como medida preventiva em relação à disseminação do vírus na comunidade escolar. Com a suspensão das aulas presenciais, o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – *Campus* Betim migrou quase que automaticamente para o formato *on-line*. Isso, porque havia no *campus* um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) baseado na plataforma *Moodle* que já era utilizado por parcela dos docentes como espaço para atividades complementares às realizadas em sala de aula, para disponibilização de material de apoio didático ou ainda para a prática de exercícios de revisão e atividades avaliativas.

Essa estrutura somada à esperança de que se tratava de uma mudança temporária, ou seja, um momento de normalidade da exceção (AKINRULI; AKINRULI, 2020) – pois àquela altura ainda se acreditava que esse novo formato duraria um ou dois meses e logo se retomaria a normalidade do ensino presencial – influenciou a migração imediata para o formato remoto. O início das atividades implementadas seguiu os protocolos do chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, embora não houvesse à época uma definição clara das escolhas didáticas relacionadas, tão pouco sobre o tempo de permanência desse formato de ensino, este foi adotado como uma estratégia repentina para se manter as atividades educacionais durante a pandemia.<sup>1</sup>

Nesse cenário, no início de abril de 2020, a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) anunciou que realizaria uma adaptação ao projeto original para que pudesse ocorrer de maneira mais compacta e integralmente *on-line*, sendo intitulada de Pré-ONHB. Essa modalidade seria gratuita e composta

por quatro fases virtuais nas quais os participantes deveriam responder às questões de múltipla escolha e realizar tarefas e desafios propostos. Diferentemente do formato original, não haveria eliminação a cada fase da competição, de modo que o participante poderia aproveitar todas as etapas e ao final receber um relatório de desempenho e certificado de presença. Outro ponto importante é que foram oferecidas três modalidades de participação, assim intituladas: *zap-zap* (equipes de 2 a 5 pessoas), por domicílio (pessoas que habitassem o mesmo domicílio) e individual (qualquer pessoa que quisesse participar individualmente). Ou seja, qualquer pessoa poderia se inscrever, não necessitando ser aluno dos anos finais do ensino fundamental ou do ensino médio, como ocorria na versão competitiva. Foram adaptações que integraram o ambiente doméstico na relação entre escola-família na pandemia e que fomentaram mais que o espírito de competição – tão fortemente instalado nas práticas docentes no contexto capitalista (AKINRULI; AKINRULI, 2021) –, posto que estimularam a valorização processual na relação ensino-aprendizagem.

As atividades propostas pela Pré-ONHB envolveram questões de múltipla escolha que não possuíam apenas uma resposta correta, de modo que os participantes deveriam selecionar apenas uma, ou seja, aquela que achassem a mais pertinente como resposta. Havia, contudo, níveis de pontuação entre as alternativas. Para que cada participante ou equipe pudesse escolher a sua opção de resposta entre as afirmativas, as questões sempre traziam um conjunto de documentos para abordar o tema analisado, que podiam ser obrigatórios (documento base da questão) ou referências complementares, como indicações de sites de pesquisa.

Nesse caso, tais ações permitiram e incentivaram que os integrantes de uma equipe pudessem dialogar e negociar pontos de vista divergentes, baseados em uma lógica argumentativa (MAGALHÃES, 2020, p. 45). O que também vai ao encontro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quando destaca a importância de os alunos analisarem argumentos e reconhecerem interpretações diferentes de um mesmo fenômeno, com o objetivo de construir a capacidade de analisar situações-problema sob uma perspectiva científica e criar suas próprias proposições (BRASIL, 2018, p. 561). A estruturação das questões, a nosso ver, permitiria aos participantes discutir as afirmações ou negativas elaboradas ao longo do tempo sobre o passado em análise, suas complexidades e camadas interpretativas.

Diante desse enredo, enquanto professoras responsáveis pela disciplina de História do IFMG, conhecedoras da Olimpíada em edições anteriores e entendendo as inúmeras potencialidades desse formato da competição para fins didáticos em um momento de ensino à distância, nós optamos por mobilizar estratégias que contemplassem a escola com a participação de todos os discentes do ensino médio, além de divulgarmos e incentivarmos a inclusão de docentes de outras disciplinas na Pré-ONHB, o que resultou em um projeto interdisciplinar e estabeleceu diálogos com o corpo docente em seus múltiplos campos do conhecimento.

Desse ponto de vista, a nossa inquietação também se tratava do interesse por uma aprendizagem significativa, mas com grande contribuição da experiência como uma categoria capaz de promover o conhecimento, tanto no ensino de História quanto das outras disciplinas envolvidas no projeto interdisciplinar. Especialmente em uma instituição de ensino profissionalizante, de modo também a requerer a valorização coletiva e interdisciplinar dos saberes docentes não meramente em uma perspectiva prática e, muitas vezes, genericamente considerada desprovida de complexidade (CUBAS, 2022).

Ademais, inspiradas na premissa de que a verdadeira educação envolve riscos (BIESTA, 2013), realidade que cada vez mais tem sido equacionada com soluções pragmáticas ou silenciada dos contextos escolares, defendíamos a ideia de que nossa contribuição se filiava também à ação de provocar as mentes e corpos dos jovens para manterem a lucidez em um contexto excepcional. A educação, em nosso entendimento e naquela situação, não era uma interação entre máquinas, mas um encontro – mesmo que virtual – entre seres humanos, mantendo a premissa de que a sala de aula é relação, troca, a possibilidade da experimentação, da criatividade, ou seja, o risco tomava espaço como um lugar central em nossos esforços educacionais.

#### APROXIMAÇÃO E HUMANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE ESCOLAR: A PRÉ-ONHB NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA DE COVID-19

A adoção, na educação básica, de metodologias de ensino apoiadas na problematização, para além de aproximar os alunos da natureza e do próprio processo de produção do conhecimento, evidencia que o conhecimento histó-

rico é, necessariamente, fruto de uma investigação e que, portanto, para aprender, é preciso aprender a pesquisar (ALMEIDA; GRINBERG, 2019). Pensar sobre um documento apresentado, sua produção e seus usos, por exemplo, mais do que aproximar os alunos ao raciocínio historiográfico, colabora para um o alargamento do pensamento crítico, questionador, investigativo, e na formação dos sujeitos para a vida. Um conhecimento humanizador e sensível aos tempos pandêmicos, aberto às relações de alteridade, às diversidades existentes na vida.

No caso de uma competição como a Pré-ONHB, na modalidade em equipe, contribui também para desenvolver diálogo, argumentação, escuta do contraditório e formação de um consenso – mesmo que ainda restem dúvidas – para a escolha da opção da equipe em cada questão da prova. Promove a relação humana, mesmo que por meio da mediação tecnológica. A experiência da Olimpíada no contexto do isolamento social possibilitou a aproximação com os alunos e o convite a questionar as narrativas elaboradas ao longo do tempo que naturalizam determinadas percepções, de modo a promover o entendimento das disputas em torno dos temas de forma mais aprofundada e focada na História do Brasil como um eixo reflexivo, sem deixar de estabelecer suas conexões com a História Global. Nesse sentido, o suporte didático da Pré-ONHB com nossa intermediação e orientação, constituiu-se, conforme apresentaremos adiante, em um espaço de interlocução de uma experiência ímpar em relação à produção do conhecimento histórico escolar, contribuindo positivamente para a conformação da consciência histórica, para o desenvolvimento da capacidade de avaliar criticamente o mundo de informações que cerca os alunos.

A Pré-ONHB despertou a possibilidade de, no contexto pandêmico, oferecer um ensino de história crítico, engajado, promotor de diálogos e de práticas didáticas interdisciplinares. Pela gratuidade da sua inscrição e por permitir a inclusão de todas as pessoas interessadas da comunidade escolar – entendida em sua amplitude por profissionais da educação e a família –, foi possível viabilizar a participação de todos os alunos da escola e de professores de diferentes disciplinas. Nossa proposta, por meio da participação na Pré-ONHB, era de um ensino integrado, com conteúdo político-pedagógico engajado, comprometido com o desenvolvimento de ações formativas integradoras e em oposição às práticas fragmentadoras do saber (ARAÚJO, 2013, p.

1), de modo a fomentar a autonomia e ampliar as experiências formativas dos sujeitos pelas práticas pedagógicas.

Para viabilizar a participação de nossos alunos, nossa proposta didática foi de, durante as etapas da Pré-ONHB, oferecer as aulas de História para a realização das atividades da competição: acesso à prova, pesquisa para realização das questões, debate coletivo com a participação dos alunos e professores e envio das respostas. Primeiramente, apresentamos a Pré-ONHB aos alunos e orientamos quanto às modalidades de inscrição possíveis (*site*, modalidades de inscrição, dúvidas), permitindo que cada um escolhesse a modalidade na qual iria participar. Em seguida, discutimos a proposta com as coordenações dos cursos técnicos e a direção de ensino, pois o horário das aulas precisaria ser ajustado a fim de que todos os alunos tivessem disponibilidade de participar da atividade central da proposta, qual seja, o debate *on-line* com os alunos e professores, de forma simultânea.

As adaptações e os controles necessários foram realizados por meio do AVA/*Moodle*, a saber: envio de comprovante de inscrição e, posteriormente, do certificado de participação. A plataforma foi utilizada também para a criação de fóruns em cada etapa para a discussão das questões e tarefas, como uma preparação para o debate síncrono e evidência/registro da participação dos alunos nas atividades, especialmente aqueles que, por diferentes motivos que mostraremos adiante, não conseguiram participar de todas as atividades síncronas, uma vez que os alunos seriam avaliados por seu envolvimento nas atividades.

Apresentada a proposta de conduzir as aulas de História por meio da realização da Pré-ONHB, professores de outras disciplinas demonstraram interesse em participar das atividades, o que resultou em um projeto interdisciplinar que foi desdobrado coletivamente. Entendemos que a Olimpíada não só possibilitou, como fomentou o diálogo e o debate entre os diversos campos disciplinares, em razão dos documentos e fontes bastante variados, apresentados nas questões e desafios. A análise desses documentos possibilitou aos estudantes (i) ter a perspectiva da complexidade, pluralidade e interdisciplinaridade da História; (ii) analisar as experiências históricas do homem no tempo seja por diferentes janelas de observação (literatura, filmes, música, jornais, quadros, entre outros), seja pela variedade de temas abordados, suas particularidades e conexões em diferentes tempos históricos (artes, esportes, política,

gênero, indústria, economia, relações internacionais, linguagens, entre outros); (iii) tomar consciência dos processos historiográficos, de modo a contribuir para a formação de sujeitos mais reflexivos e críticos e, assim, capazes de ter autonomia nas suas escolhas do percurso da vida.

Em outras edições da Olimpíada Nacional em História do Brasil nas quais o IFMG *Campus* Betim participou, essa potencialidade interdisciplinar era vista não só pelos professores orientadores, como pelos próprios alunos, que procuravam professores de outras disciplinas para ajudá-los a refletir sobre as questões e escolher a resposta mais adequada. Com a Pré-ONHB, foi possível construir um diálogo síncrono com docentes de disciplinas diversas, o que no formato presencial seria bem mais desafiador, especialmente no que se refere aos aspectos logístico e organizacional.

Na tabela a seguir (Tabela 1), apresentamos como foi organizada a participação dos professores de nove diferentes disciplinas, respeitando-se o entendimento de cada docente quanto a sua possibilidade de colaborar para a cons-

Tabela 1 – Disciplinas participantes do projeto interdisciplinar Pré-ONHB – IFMG *Campus* Betim, primeiro semestre de 2020<sup>2</sup>

Disciplina	Série/Curso Técnico	Tipo de participação		
		Direta	Paralela	Posterior
Artes	1ª série (Mecânica, Química e Automação)	X		
Biologia	1ª e 2ª séries (Mecânica, Química e Automação)		X	
Educação Física	1ª, 2ª e 3ª séries (Mecânica, Química e Automação)		X	
Filosofia	1ª e 3ª séries (Mecânica, Química e Automação)		X	
Física	1ª série (Mecânica, Química e Automação)			X
Física	2ª série (Mecânica, Química e Automação)		X	
Geografia	1ª série (Mecânica, Química e Automação)		X	
História	1ª, 2ª e 3ª séries (Mecânica, Química e Automação)	X		
Língua Portuguesa	1ª série (Mecânica, Química e Automação) e 2ª série (Química)	X		
Sociologia	2ª e 3ª séries (Mecânica, Química e Automação)		X	

Fonte: Elaboração das autoras.

trução dos debates coletivos. Embora não fosse possível saber *a priori* quais seriam as temáticas e abordagens propostas nas questões, o que deixou alguns docentes mais apreensivos quanto à possibilidade de diálogos com os conteúdos previstos em suas ementas, todos vislumbraram a potencialidade dos debates e o reflexo em suas disciplinas após a participação no projeto.

Foram três as formas de participação no projeto interdisciplinar desenvolvido: 1) direta, na qual se deu o direcionamento completo das atividades da disciplina para a realização da Pré-ONHB como recurso didático; 2) paralela, com a manutenção das aulas do conteúdo disciplinar, mas com a participação do professor nos debates da Olimpíada, por entender que haveria construção de conhecimento também para os conteúdos da sua disciplina, reservava parte da distribuição de pontos do trimestre para a participação dos alunos na Pré-ONHB; 3) posterior, com a participação do professor nos debates, optando por primeiro conhecer a Olimpíada, as temáticas e abordagens para depois decidir como poderia aproximar os debates com os conteúdos propostos na sua ementa e/ou atribuir pontuação para a participação dos alunos na Olimpíada.

É relevante ressaltar que a prática da interdisciplinaridade educacional não significa se colocar “contra” ou destruir disciplinas, mas sim investir nas porosidades, proporcionar intercâmbios entre elas (BARROS, 2019, p. 11). Nesse sentido, entendemos que o engajamento de outros docentes no projeto foi positivo também para o fortalecimento da História enquanto disciplina no *campus*, uma vez que evidenciou para um coletivo a seriedade e relevância social dos debates, sejam temáticos, metodológicos e/ou para a formação dos estudantes, permitindo identificar não só as porosidades, como também o ganho que o pensamento histórico proporciona para a construção do conhecimento em outras disciplinas. Por outro lado, expôs para todos os envolvidos a necessária coexistência entre pesquisa e ensino de História.

A forma como a proposta foi executada permitiu também a construção de debates sobre a interdisciplinaridade e a especialidade (BIANCHETTI; JANTSCH, 2004), pois o debate e as escolhas dos professores nem sempre coincidiam e eles precisavam justificar as suas preferências acionando tanto um conhecimento mais abrangente e holístico, quanto as particularidades metodológicas e orientadoras da sua disciplina em específico. Destacamos, ainda, que as temáticas abordadas nas questões invocaram construções cognitivas



que envolviam diversas temporalidades, seja entre o passado, o presente e o futuro, ou do presente para o passado, por meio de temáticas que dialogaram com o presente, acionando narrativas que percorrem a escola e o público. Desse modo, o projeto interdisciplinar proporcionou um espaço de reflexão coletiva sobre a necessidade de o ensino escolar dialogar com o conhecimento prévio dos alunos e, por vezes, dos professores sobre os conteúdos de História. Isso não no sentido de acatar ou refutar, mas de entender suas bases, divulgações, permanências e possíveis limitações, o que também engendrou espaços que extrapolam a formação regular e inserem na sala de aula conceitos, visões e percepções que nem sempre estão em diálogo com os saberes, metodologias e teorias das disciplinas escolares.

Como observa Bernard Charlot (2001, p. 49), os alunos “não vão à escola para aprender, mas para continuar a aprender”. O aluno do ensino médio, sobretudo, já possui uma bagagem significativa de conhecimentos, bem como referências de espaços, instituições, meios de comunicação, pessoas por meio dos quais acessa o conhecimento, nas formas recreativa, cultural, moral ou educacional. Caldas (2018, p. 21), ao pensar sobre docentes como historiadores públicos, considera que a produção de conhecimento entre professores e alunos em sala de aula leva em conta tanto o conhecimento histórico circulante na sociedade (literatura, filmes, novelas, jogos, museus etc.) quanto o debate sobre questões socialmente vivas e as demandas do tempo presente ligadas às memórias, experiências, identidades de diferentes sujeitos e grupos sociais, isto é, de diferentes públicos agentes e produtores de história. O contato com esses conteúdos, entretanto, não é garantia de que o aluno saiba utilizá-los para entender e operacionalizar a própria realidade. Com as atividades que promovemos via Pré-ONHB, entendemos que os debates coletivos oportunizaram aos professores um espaço frutífero, mesmo no ERE, para realizar uma das suas atribuições enquanto docente, que é identificar as informações e os conhecimentos, a forma e os meios que alunos os acessam, bem como os usos que fazem, a fim de contribuir para que possam assumir a responsabilidade do desenvolvimento da habilidade de pensar de forma histórica – ou física, matemática, artística etc.

Tabela 2 – Número de alunos participantes da Pré-ONHB – IFMG  
Campus Betim, conforme modalidade da inscrição e série

Série do ensino médio	Modalidade da inscrição				Total geral
	Domicílio	Individual	Zap-zap	Não conseguiu realizar a inscrição na Pré-ONHB, mas acompanhou pelo AVA	
1ª série	3	56	120	6	185
2ª série	4	47	115	0	166
3ª série	4	15	94	1	114
Total geral	11	118	329	7	465

Fonte: Elaboração das autoras.

Como mencionamos anteriormente, a escolha pelo formato da inscrição foi dos próprios alunos, tendo sido feito um controle apenas para garantir que estivessem inscritos e participando ativamente dos debates, seja de forma síncrona, seja nos fóruns no AVA/*Moodle*. O acompanhamento da regularidade da participação dos alunos ficou sob a nossa responsabilidade e posteriormente repassamos as informações para os demais docentes participantes do projeto. A escolha pela criação dos fóruns no AVA/*Moodle* visava proporcionar um espaço de discussão anterior ao debate síncrono – que ocorria todas as quintas-feiras na parte da manhã, durando cerca de duas horas – e era uma oportunidade de troca para aqueles alunos que por alguma eventualidade não conseguissem participar do debate síncrono, cuja gravação era disponibilizada também no AVA. Totalizamos a participação de todos os alunos da escola, o que somou 465 discentes, com um quantitativo de quase 100% de inscrições na Pré-ONHB, de acordo com a Tabela 2.

Cada fase da Olimpíada tinha a duração de cinco dias, ou seja, os alunos acessavam a prova no site da ONHB na segunda-feira e tinham até a sexta-feira da mesma semana para postar suas respostas.<sup>3</sup> Percebemos que o fórum foi um espaço bastante ativo de trocas de informações, dúvidas e perspectivas entre os alunos durante os cinco dias de cada fase. Também se constituiu como uma forma de os professores avaliarem aqueles alunos que não conse-

guiam participar das atividades síncronas.<sup>4</sup> Na disciplina de História, a pontuação foi garantida a todos que participaram das atividades, levando em conta o relatório final enviado pela ONHB, que identificou até que fase o aluno participou – lembrando que na Pré-ONHB desclassificação ocorria apenas pelo não envio das questões e tarefas.

Tabela 3 – Alunos participantes da Pré-ONHB – IFMG  
Campus Betim, conforme série e etapa de classificação

Série do ensino médio	1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase	Não realizou a inscrição no site da Pré-ONHB, mas acompanhou pelo AVA	Total geral
1ª série	4	3	21	151	6	185
2ª série	2	1	9	154	0	166
3ª série	1	0	3	109	1	114
Total geral	7	4	33	414	7	465

Fonte: Elaboração das autoras.

A Tabela 3 evidencia uma das dificuldades enfrentadas especialmente pelos alunos durante a realização da Pré-ONHB: o acesso regular à internet. É importante ressaltar que, até aquele momento, os recursos de inclusão digital ainda não estavam disponíveis com política institucionalizada e havia alunos com muita dificuldade para acompanhar o ensino pelas plataformas digitais. Embora a maioria tenha conseguido chegar à 4ª fase, 44 deles ficaram entre as fases 1 e 3, dos quais alguns acessaram a prova por meio do arquivo em PDF disponibilizado pela própria ONHB e compartilhado com eles pelos colegas e docentes participantes da Olimpíada. O motivo reportado pelos alunos de acesso irregular à internet ou indisponibilidade de equipamentos para o acesso ao site da Olimpíada não significa que eles não tivessem acesso algum à internet. Ocorria que, por deixarem para enviar as respostas após o debate, alguns deles estavam à mercê da instabilidade do acesso ou da necessidade de compartilhar equipamentos com familiares, não conseguindo enviar as respostas no prazo e em razão disso tendo sido desclassificados. Sete alunos não conseguiram se inscrever no prazo e realizaram as atividades apenas pelo compartilhamento da prova.

As tecnologias, ou a falta de acesso e limitações de seu uso, também permearam as estratégias para a realização dos debates síncronos. O primeiro foi realizado pela Plataforma *Meet* do *Google*, usada pela maioria dos professores até aquele momento para a realização das atividades síncronas. Contudo, a empresa limitou o acesso à sala para apenas 250 participantes e havia muito mais alunos participando, além dos professores convidados. Para resolver a questão, na semana seguinte, na fase 2 em diante, conseguimos mobilizar o setor de tecnologia da informação do *campus* no intuito de pensarmos conjuntamente a melhor estratégia para assegurar a todos os alunos a participação nas atividades síncronas. A solução encontrada foi a transmissão do debate pelo canal de *Youtube* do *campus* de forma não linkada (*off-line*), tendo a funcionalidade do *chat* ativada para que os alunos pudessem participar enviando perguntas e comentários. Os demais encontros síncronos ocorreram simultaneamente pelo *Meet* e *Youtube*, tendo apoio das monitoras da disciplina de História, além de outras duas alunas voluntárias, no sentido de mediar as perguntas para os professores e demais colegas, bem como controlar a presença dos alunos.

Além das questões de múltipla escolha de cada etapa, cada fase da Pré-ONHB apresentava uma tarefa, assemelhando-se ao formato tradicional da Olimpíada anual. Na primeira fase, a tarefa se dedicou à análise e compreensão de imagens, observação de seus detalhes e escolha das melhores descrições para cada parte destacada (migalhas), que poderiam se referir a aspectos específicos da obra ou a sua composição, incluindo investigações sobre sua produção. Na segunda fase, a tarefa consistia em organizar uma linha de tempo histórico com base nos documentos apresentados nas questões das fases 1 e 2, identificando as temporalidades da produção do documento e de referência de seu conteúdo. Na terceira fase, a tarefa consistia na transcrição de documento, aproximando os alunos de algo bem comum nas pesquisas históricas, isto é, a necessidade de ler, decifrar e compreender documentos produzidos no passado. Foram exercícios que incentivaram os usos das múltiplas sensibilidades e campos cognitivos, de modo a refletirem e exporem a prática do professor-pesquisador da história.

Ao longo das quatro semanas da competição desenvolvida no primeiro semestre de 2020, os alunos tiveram uma tarefa adicional denominada Diário da Pandemia. Consistia no registro do cotidiano dos participantes em suas

vivências durante a pandemia, com recorte dedicado às mudanças e permanências da rotina de estudos, de trabalho ou na execução das tarefas domésticas, além dos principais pensamentos e sentimentos expressos nesses tempos de isolamento social. Tratou-se de um momento ímpar no contexto da Pré-ONHB e mesmo na relação professor-aluno, uma vez que foi possível tecer ponderações sobre as relações temporais, as narrativas memorialísticas e a valorização das subjetividades no campo da História.

Por meio dos relatos de vida, foi intensificado o entendimento a respeito das fontes históricas, seu processo de produção e interpretação como base do conhecimento histórico. Um diário – que basicamente é um registro intimista e do ponto de vista do gênero narrativo aborda um relato pessoal – mescla, nesse caso, a memória individual à memória coletiva, o que é fonte da construção da História. Fundamentalmente, de uma história baseada na vida cotidiana, mais humanizada, e que expõe, inclusive, algum potencial terapêutico. Conversar, narrar e refletir são processos constituintes da identidade dos indivíduos e, no contexto da pandemia de Covid-19, tais considerações também intrínsecas ao campo historiográfico foram mediadas no ambiente da sala de aula por meio do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O Diário da Pandemia apareceu em vários relatos de alunos como a parte que mais gostaram de toda a experiência, por exemplo: “A parte dos diários foi a mais proveitosa e instigante da Pré-Olimpíada e, ler os relatos de outras pessoas que estão passando pelo mesmo período da história que eu, foi fascinante” (2ª série).

A tarefa da quarta fase retomava esses diários sob a perspectiva de aproximar novamente os alunos da construção do conhecimento histórico e da prática do professor-historiador, ao demandar que lessem e organizassem as informações de diários produzidos por outros participantes (disponibilizados de forma anônima). A tarefa acionava o uso da imaginação, pois os diários seriam encontrados pelos participantes em 2050. No total, eram 20 diários por participante ou equipe, que tinha de ler, organizar as informações, analisar e escrever um texto narrativo abordando e comentando as informações consideradas relevantes nesses textos/fontes.

Além da experiência de entender melhor a construção do conhecimento, a tarefa possibilitava aos alunos, após um exercício de semanas analisando e narrando as suas rotinas na pandemia, perceber que em um mesmo contexto

histórico as experiências vivenciadas pelos sujeitos daquele tempo podem ser muito distintas, a depender de diversos marcadores de diferenciação social e contextos familiares (o que permeia especialmente essa experiência de ensino e vida na quarentena, pelo menos no início dela, devido à reclusão ou intensificação da vida no espaço doméstico). Dessa maneira, consideramos que o Diário da Pandemia trouxe uma contribuição ao proporcionar aos alunos questionarem visões homogeneizadoras ou personalistas do passado, já que necessitavam analisar experiências plurais para elaborar a sua análise, e tornar a experiência da sala de aula em um ambiente aberto à diversidade. Colaborou ainda para desconstruir a ideia, presente entre alunos do ensino médio, de que uma pessoa que viveu um determinado período é detentora da “verdade” sobre ele e de que relatos de época seriam mais verdadeiros que interpretações elaboradas por historiadores, pois esses não viveram aquele passado, já que são confrontados com relatos muito diferentes e que necessitam de contextualização e interpretação para poderem contar algo sobre o momento de sua escrita. A atividade abriu caminhos, portanto, para as relações de alteridade no espaço escolar.

#### AVALIAÇÕES E RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA UMA PEDAGOGIA AFETIVA

Ao final das atividades da Pré-ONHB, enviamos um formulário aos alunos no intuito de analisar a percepção deles sobre a metodologia e didática utilizadas durante a Olimpíada. Ressaltamos que não tínhamos a pretensão, com esse formulário, de entender como todos os alunos vivenciaram a experiência, uma vez que o que buscamos diagnosticar se deteve à compreensão sobre os limites e possibilidades da metodologia utilizada, na forma como foi (ou não) capaz de promover a aprendizagem e proporcionar uma experiência prazerosa, instigante, humanizada e interdisciplinar de ensino-aprendizagem no contexto da pandemia de Covid-19. Especialmente, porque uma das questões mais frustrantes para os docentes no ERE – embora ainda fossem se intensificar muito pela longa duração desse formato de ensino – tem sido o não alcance de todos os alunos, seja por motivos individuais seja pelas barreiras impostas pelas questões de acesso às tecnologias necessárias para o ensino e,

portanto, a exclusão promovida pelo ERE. Ademais, o formulário permitiu um diagnóstico sobre a aceitação, aproximação e envolvimento com a disciplina de história no contexto do *campus*, como veremos a seguir.

Tabela 4 – Resposta dos alunos, por série, para a pergunta: “Você pretende participar de outras edições da Olimpíada Nacional em História do Brasil?”

Série do ensino médio	Não	Sim	Sim, já estou inscrito para a 12º ONHB	Total geral
1ª série	73	96	16	185
2ª série	76	76	14	166
3ª série	64	31	19	114
Total Geral	213	203	49	465

Fonte: Elaboração das autoras.

Como revela a Tabela 4, um número significativo de alunos, após participar da Pré-ONHB, sentiu-se motivado a participar de edições futuras da Olimpíada. Entretanto, na 12ª edição da ONHB, em 2020, sabemos que o número de inscritos na competição foi menor do que a expectativa que tivemos com base nas respostas do formulário. Ao todo, 57 alunos (29 equipes) participaram da 12ª ONHB e 33 alunos (11 equipes) da 13ª ONHB realizada em 2021. Devemos ponderar, no entanto, que as edições competitivas da Olimpíada ocorrem de forma paralela às atividades escolares, o que sobrecarrega alunos e professores orientadores além do fato de que a inscrição é paga. Isso faz com que alguns alunos, mesmo que tenham demonstrado gostar da metodologia, não se sintam confortáveis em ter mais uma “tarefa” em sua rotina, ou mesmo pelas dificuldades financeiras da efetivação da inscrição.

Tal situação nos leva a inferir que a Pré-ONHB, da forma como foi realizada no IFMG *Campus* Betim durante o isolamento social de 2020, com a participação de todos os alunos, professores de outras disciplinas e com metodologia de ensino dos conteúdos previstos nas ementas dos cursos, proporcionou uma experiência ímpar para discentes e docentes, e nos instiga a pensar em formas de manter a metodologia de ensino por meio do debate interdisciplinar em projetos futuros ou mesmo em espaços da sala de aula. Não se trata de fomentar a discussão do conhecimento por meio de opiniões, mas de dis-

cutir com base em documentos e informações historiográficas, refletindo não somente sobre conteúdos, como também a respeito da própria produção do conhecimento.<sup>5</sup>

Se, ao contrário, entendemos que a finalidade [da História escolar] é pensar historicamente, concebendo a disciplina História como um saber elaborado em torno de hipóteses, perguntas, debates historiográficos, cujo papel é dotar os estudantes de instrumentos de análise, compreensão e interpretação para construir sua própria representação do passado e colocá-la a serviço da cidadania democrática, então a interação viva e potente entre os sujeitos parece ser fundamental. Neste caso, se perde muito com a interdição da aula presencial e também com a ausência de interação virtual qualificada. (CAIMI; MISTURA; MELLO, 2021, p. 21)

Em reforço à perspectiva acima, o ensino de história perde potência com a ausência ou a escassez de diálogos impostos pelas aulas no ERE. Dessa forma, a construção de um espaço que privilegiou a interação entre alunos e professores para a construção coletiva de respostas é por nós analisada como uma experiência positiva dentro do ensino-aprendizagem no contexto de pandemia. Nossa análise de que o projeto teve êxito se pauta ainda nos testemunhos deixados pelos alunos ao instigarmos a deixarem um comentário sobre a experiência de participar da Olimpíada. O retorno foi majoritariamente positivo, inclusive daqueles que reconheciam não gostar muito de História. Dos 465 comentários, 52 pontuaram que não gostaram da proposta ou fizeram ressalvas sobre como foram conduzidas as atividades e 413 relataram comentários positivos, como exemplificado a seguir:

Achei que foi uma experiência bem interessante, por mais que não quero participar de outras edições, eu gostei de ter vivenciado essa, me mostrou um pouco de como funciona o método de trabalho dos historiadores, como as vezes eles podem ter um trabalho um pouco mais cansativo, mas que é de total importância para começar a ter os entendimentos de como surgiu e funciona determinadas sociedades. Também me mostrou como ter visões mais críticas ao determinar as alternativas corretas, pois pelo que eu aprendi, nem sempre o óbvio é a melhor alternativa. No geral eu gostei muito de ter participado da Pré-ONHB, achei bem dinâmica e divertida, além de poder ter feito com meus amigos, assim tirando



uma carga de responsabilidade perante as fases da olimpíada, gostei muito da experiência e recomendaria para muitas pessoas apaixonadas por história participar, porque não iam se arrepender. (2ª série)

Destacamos, ainda, duas questões que recorrentemente apareceram nos comentários deixados pelos alunos, a saber: i) a interdisciplinaridade e ii) os debates. A possibilidade de acompanhar como os professores se apropriam da temática proposta pelas questões e as relacionam com os conteúdos e/ou formas de interpretar o mundo das suas disciplinas possibilitou a vários alunos um entendimento das relações das disciplinas sem, no entanto, perder as particularidades de cada área de conhecimento. Como já mencionamos, a riqueza do debate residia na necessidade de escolha de uma alternativa entre três corretas, o que demandava a reflexão e argumentação da escolha e da exclusão. Geralmente, a opção mais assertiva acionava um raciocínio historiográfico, podendo não ser a primeira opção de professores de outras disciplinas. Em relação aos debates, muitos alunos relataram que, para além das questões metodológicas, foi uma experiência de proximidade com colegas e professores, uma percepção de uma metodologia afetiva, em um contexto de isolamento e muitas incertezas – e, naquele momento, ainda de adaptações nas rotinas e formas de estudo.

Em relação às críticas, algumas relacionam-se a questões do contexto, da exaustão provocada pela necessidade de adaptação rápida a uma nova rotina: “Eu achei as questões bem complicadas e me deixavam bastante confusa, mas adorei realizar as tarefas, principalmente a da 4ª fase. Ler os diários de outras pessoas e pode analisá-los foi muito legal” (3ª série). A crítica quanto a ser uma atividade cansativa, comentário registrado por alguns alunos, parece-nos ter relação com a repetição da proposta de resolução de questões em cada fase, mesmo que as tarefas e os temas das questões mudem ou mesmo ao contexto do aluno. Trata-se de uma inferência nossa, uma vez que a curta resposta não nos permite afirmar – e se analisarmos a forma como a atividade foi executada, também buscamos, naquele momento, diminuir as atividades dos alunos por meio do projeto interdisciplinar. Três disciplinas suspenderam as demais atividades para que o projeto pudesse ocorrer; mesmo que as questões envolvessem pesquisa, o número de atividades proposto pela Pré-ONHB era reduzido e, certamente, se o projeto não ocorresse e todos os professores tivessem man-

tido as atividades envolvendo aulas, exercícios, atividades avaliativas regulares, o número de tarefas seria bem maior para os alunos.

Ademais, a falta de acesso à internet e o uso limitado de equipamentos como celulares para visualizar e analisar imagens, por exemplo, também aparecem como uma dificuldade enfrentada pelos alunos. Por fim, uma questão levantada nos comentários provoca uma reflexão quanto à forma como a História ainda é vista por eles e que se relaciona, obviamente, com as formas de ensino. O apontamento de que as questões, da forma como são estruturadas, são confusas, pode ser interpretado como um apego à ideia de “verdade” ou de “uma verdade” sobre um determinado passado. Assim, quando o aluno se confronta com interpretações possíveis sobre uma determinada temática, mas que podem destacar aspectos diferentes ou mesmo apresentar pontos de conflito, ele apresenta uma dificuldade para analisar e, mais do que isso, refuta a metodologia. Isso revela uma visão de que a História deve apresentar uma interpretação única, sem uma reflexão sobre quem estaria representado nessa narrativa sobre o passado ou mesmo os interesses e/ou projetos envolvidos na sua elaboração, na construção das fontes, no recorte e seleção de temáticas históricas. Considerar as diferentes formas que um determinado passado foi vivenciado, entendendo contextos e situações e complexificando esse passado, ainda gera desconforto em vários alunos.

Ao finalizar a atividade, entendemos que era importante reforçar com os discentes a validação da atividade como uma estratégia didática e metodológica de ensino dos conteúdos previstos nas ementas dos cursos (História A, História B e História C). Isso porque todas as atividades da Pré-ONHB e as atividades realizadas durante a participação do *campus* Betim na Olimpíada compreendiam discutir não só conteúdos, mas os processos de construção do conhecimento. Entendemos que essa era também uma oportunidade de reforçar a construção do conhecimento na escola, a autonomia dos professores na escolha das didáticas e metodologias de ensino, a presença dos professores-pesquisadores. Para isso, elaboramos e disponibilizamos para os alunos das três séries um quadro comparativo com uma relação dos conteúdos da ementa de cada curso e as questões da Pré-ONHB que abordaram esses temas. Desse modo, o aluno que não conseguisse comparar e/ou equiparar os conteúdos que deveriam ser abordados no ano letivo de 2020 com as atividades realizadas na Pré-ONHB, poderia visualizar mais claramente a metodologia utilizada

para o ensino. Além disso, com base nesses quadros comparativos, produzimos três vídeos com recortes dos debates, incluindo apenas as questões com os conteúdos presentes na ementa de cada curso. Assim, caso o aluno quisesse revisitar os conteúdos da disciplina, poderia acessá-los de forma facilitada, sem ter de assistir a longas horas de gravação. Isso também amenizava a angústia de muitos alunos no sentido de cobertura dos temas que são abordados no ENEM e demais processo seletivos, o que expõe uma relação ainda muito sensível no ambiente escolar entre a relevância do aprendizado por si mesmo e as demandas conteudistas dos exames.

De toda forma, ao analisar a experiência realizada no contexto no Ensino Remoto Emergencial no IFMG *Campus* Betim, entendemos que foi possível, por meio da Pré-ONHB, promover diálogos em relação aos conhecimentos, competências e habilidades específicas ao saber histórico. Além disso, através das apropriações do saber histórico em uma interessante rede de interconexões com as demais disciplinas, demonstramos a relevância não somente do trabalho coletivo, como da própria experiência do debate em sala de aula em tempo tão controverso no qual o desejo é de retorno a uma normalidade didática não mais existente. O isolamento social e a pandemia, em seu entendimento *lato*, permitiam uma discussão mais ampliada sobre a inclusão, a humanização das relações no contexto escolar, e os múltiplos e possíveis caminhos da alteridade na construção de uma pedagogia afetiva, na qual as sensibilidades também produzem conhecimento e devem ser incorporadas na prática docente em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- AKINRULI, Luana Carla Martins Campos; AKINRULI, Samuel Ayobami. Antropoceno, Arqueologia e Memória Social: a pandemia de Covid-19 como um evento crítico. *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 8, p. 227-236, 2020.
- AKINRULI, Luana Carla Martins Campos; AKINRULI, Samuel Ayobami. Do lado de cá dos muros: entre centros e periferias do cotidiano escolar, para uma pedagogia dos (des)enquadramentos. *Plural – Antropologías desde América Latina y del Caribe*, v. 3, p. 513-529, 2021.
- ALMEIDA, Anita Correia de; GRINBERG, Keila. Problematização. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 199-201, 2019.

- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPED*, Goiânia, p. 1-19, 2013.
- BARROS, José D'Assunção. *Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BIANCHETTI, Lucídio; JANTSCH, Ari Paulo (orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BIESTA, Gert. J. J. *The Beautiful Risk of Education*. NewYork: Paradigm Publishers, 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.
- CAIMI, Flávia Eloisa; MISTURA, Letícia; MELLO, Pedro Alcides Trindade de. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? *Fronteiras – Revista Catarinense de História*, n. 37, p. 9-23, jul.-dez. 2021.
- CALDAS, Renan Rubim. *Narrativas em movimento – do “Escola sem Partido” à “Educação Democrática”*: história pública e trajetórias docentes. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- CHARLOT, Bernard. *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CUBAS, Caroline Jaques. Por uma história que corte feito estilete: presença, experiência e sentidos em uma aula de História. *Revista História Hoje*, v. 11, n. 22, p. 15-32, 2022.
- MAGALHÃES, André Vinícius Bezerra. *Hoje não vai ter aula: educação histórica e aprendizagem colaborativa a partir da experiência com a ONHB*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ressaltamos que são de grande relevância os debates internos que ocorreram acerca da suspensão temporária das atividades ou da transposição imediata para o ensino virtual que, entretanto, não podemos nos alongar neste artigo. Entendemos ser importante pontuar, no entanto, que no *campus* não houve um período de planejamento prévio para o ensino remoto. As alterações no horário das aulas, definições e mudanças no uso de plataformas para as aulas síncronas, formas de avaliações, entre outros, ocorreram de maneira concomitante às atividades letivas.

<sup>2</sup> Todos os alunos do *campus* participaram da Pré-ONHB, entretanto, como algumas séries

têm mais de um professor por disciplina, a informação entre parênteses na tabela mostra em quais cursos e por série como cada disciplina se envolveu.

<sup>3</sup> Cronograma das etapas da Pré-ONHB em 2020: primeira fase 27/04/20 a 01/05/20; segunda fase 04/05/20 a 08/05/20; terceira fase 11/05/20 a 15/05/20; quarta fase 18/05/20 a 22/05/20.

<sup>4</sup> Em um momento tão ímpar, não poderíamos avaliar os alunos apenas de uma forma rígida e discrepante com o contexto, pois sabemos as condições diversas e desiguais da realidade brasileira. Condições essas que, como nos fala CAIMI, MISTURA e MELO (2021), foram agravadas pela pandemia e pelo Ensino Remoto no âmbito educacional.

<sup>5</sup> Em 2021, novamente temos um projeto interdisciplinar realizado com os alunos da 1ª série do ensino médio, com a participação de várias disciplinas (propedêuticas e técnicas) que também se pauta em debates temáticos, embora não realizados com a mesma intensidade que durante a Pré-ONHB (encontros semanais), mas que se estende ao longo do ano letivo.

